

148 Abertura na saúde divide o Ministério

13-2-92

ISABEL DE PAULA

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso vai reunir na semana que vem os ministros envolvidos com a reforma constitucional para discutir as divergências sobre a proposta de abertura do setor de saúde para empresas estrangeiras. A idéia de acabar com a reserva de mercado das empresas nacionais que exploram os serviços de saúde — apresentada pelo ministro do Planejamento, José Serra — foi mal recebida no Ministério da Saúde. O ministro Adib Jatene evita comentar o assunto antes da reunião com o presidente, mas seus assessores avisam que ele vai tentar convencer Fernando Henrique a não enviar a proposta ao Congresso.

— Tenho uma opinião formada, mas primeiro vou discutir o problema com o presidente — disse Jatene ao GLOBO.

Os assessores do ministro apontam pelo menos quatro motivos para que ele se coloque contra a quebra da reserva do mercado nacional no setor de saúde. Um deles é que a atuação de grandes grupos de saúde fere o modelo hospitalar defendido por Jatene, que é o dos hospitais comunitários, nos quais a população tem ampla participação e fiscaliza a administração dos serviços. Exemplos são os hospitais da Santa Casa de Misericórdia e da Beneficência Portuguesa de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A entrada de grandes empresas estrangeiras no Brasil para explorar serviços hospitalares e de seguros de saúde também afetaria economicamente o mercado nacional, segundo um dos in-



Jatene: contra a proposta de Serra

tegrantes da equipe de Jatene. A longo prazo, a concorrência seria saudável, mas no momento as empresas nacionais não estariam preparadas para a competição. Um terceiro argumento é que seria dificultada a ação do ministério no controle da importação de equipamentos médico-hospitalares. Segundo fontes do ministério, embora pareça um contrasenso, a sofisticação dos equipamentos tem encarecido e dificultado o acesso da população aos serviços.

— Vamos fazer um estudo em todo o país, por micro-região, para evitar a concentração excessiva de equipamentos que encarecem a assistência e diminuem o acesso da população. Nós não temos recursos para prestar atendimento com alta tecnologia — disse Jatene.

Por fim, há a preocupação de que, se o setor de saúde for aberto, as empresas estrangeiras vão querer se instalar nas áreas metropolitanas, onde não há necessidade de mais serviços.